



A Polegadazinha *Tommelise* (1835)

Era uma vez uma mulher que suspirava, ansiosamente, por ter uma criancinha, mas que não sabia o que fazer para satisfazer o seu desejo. Foi assim procurar uma velha feiticeira e pediu-lhe:

– Gostaria de todo o coração de ter uma criancinha, não queres dizer-me onde poderei encontrar uma?

– Sim, vamos resolver isso! – disse a feiticeira. – Eis aqui um grão de cevada, que não é igual à espécie que cresce nos campos dos lavradores, nem à que se dá às galinhas para comerem. Põe-no num vaso de flores, depois vais ver!

– Agradeço-te muito! – disse a mulher e deu à feiticeira doze xelins. Depois foi para casa, plantou o grão de cevada e logo cresceu uma linda e grande flor, que parecia tal e qual uma tília, mas as pétalas estavam completamente fechadas, como se estivesse ainda em botão.

– É uma linda flor! – disse a mulher e beijou-a nas bonitas pétalas vermelhas e amarelas, mas no momento em que a beijava a flor deu um grande estalo e abriu-se. Era uma verdadeira tília, via-se bem! Mas no meio da flor, numa cadeira verde, estava sentada uma pequenina menina, muito fina e graciosa! Não era maior do que uma polegada e por isso recebeu o nome de Polegadazinha.

Uma casca de noz lindamente envernizada foi o seu berço, pétalas de violeta azuis foram os enxergões e uma pétala de rosa

o seu edredão de penas. Aí dormia de noite, mas durante o dia brincava em cima da mesa, onde a mulher tinha colocado um prato, em volta do qual pusera uma coroa de flores com os caules espetados na água, onde flutuava uma grande pétala de tília e sobre esta devia a Polegadazinha sentar-se e vogar de um lado para o outro do prato. Tinha dois pêlos brancos de cavalo para remar. Era bem bonito de se ver! Também sabia cantar. Oh! Tão bela e lindamente, como nunca antes se tinha ouvido...

Uma noite em que estava na sua linda cama, entrou um sapo feio aos pulos através do vidro quebrado da janela. O sapo era tão horrível, grande e húmido! Saltou logo para baixo para a mesa, onde a Polegadazinha estava a dormir sob a pétala de rosa vermelha.

– Era uma bonita esposa para o meu filho! – disse o sapo, pelo que agarrou na casca de noz onde dormia a Polegadazinha e saltou para o jardim com ela através do vidro partido da janela.

No jardim corria um regato grande e largo, mas nas margens era pantanoso e lamacento. Aí morava o sapo com o filho. Ui! Era tão feio e horrendo, era parecido com a mãe! – Coax, coax, breque-que-quex! – foi tudo o que soube dizer, quando viu a linda menininha na casca de noz.

– Não fales tão alto, senão acorda! – disse o velho sapo. – Ela ainda pode fugir-nos, pois é tão leve como uma penugem de cisne. Vamos pô-la no regato sobre uma das folhas largas de lírio aquático, que é para ela, tão leve e pequena, como uma ilha. Daí não pode fugir, enquanto nós montamos os aposentos de gala por baixo da lama, onde ireis residir!

Lá fora, no regato, cresciam muitos lírios aquáticos com folhas verdes e tão largas que pareciam vogar na água. A folha que estava mais longe era também a maior de todas. Para aí nadou o sapo velho e aí pôs a casca de noz com a Polegadazinha.

A pobre pequenina acordou cedo de manhã. Quando viu onde estava, começou a chorar amargamente, pois a grande folha verde encontrava-se rodeada de água por todos os lados, não podia de nenhum modo vir para terra.

O sapo velho instalou-se em baixo, na lama, e decorou os aposentos com junco e lírios aquáticos amarelos – seria verdadeiramente bonito para a nova nora! Nadou depois com o filho repelente para a folha onde estava a Polegadazinha. Queriam ir buscar a sua bonita cama, que devia ser posta no quarto de noivado, antes de a trazerem. O velho fez uma profunda reverência na água diante dela e disse:

– Aqui tens o meu filho, que será teu marido e ireis viver lindamente lá em baixo, na lama!

– Coax, coax! Breque-que-quex! – foi tudo o que o filho soube dizer.

Pegaram na linda caminha e foram-se a nadar com ela, mas a Polegadazinha sentou-se completamente só a chorar na folha verde, pois não queria morar em casa do sapo feio, nem ter o filho horrendo por marido. Os peixinhos que nadavam em baixo na água bem tinham visto o sapo e ouvido o que dissera, por isso puseram as cabeças de fora, queriam ver a pequenina. Logo que a viram, acharam-na tão bonita e fez-lhes tanta pena que tivesse de ir para baixo, para o sapo nojento! Não, isso não devia acontecer! Juntaram-se em baixo, na água, à volta do caule verde, que sustinha a folha onde ela estava, roeram o caule com os dentes e assim flutuou a folha, regato abaixo, com a Polegadazinha, para longe, onde o sapo não podia chegar.

A Polegadazinha passou a navegar por muitos lugares e os passarinhos pousados nos arbustos viram-na e cantaram: «Que linda menininha!» A folha vogou com ela mais e mais para longe. Assim viajou a Polegadazinha para fora do país.

Uma linda borboletazinha branca ficou a pairar à volta dela e pousou por fim na folha, pois parecia gostar muito da Polegadazinha e ela estava tão contente por agora o sapo não a poder alcançar, e era tão bonito por onde vogava! O Sol brilhava na água, Era como se fosse do mais belo ouro. Então pegou na sua faixa, atou uma ponta à borboleta e a outra ponta prendeu-a à folha. Assim, deslizavam muito mais depressa, ela e a folha.

Nesse momento, um grande besouro veio a voar e, assim que a viu, num instante, prendeu-a com as garras à volta da cintura delgada e voou com ela para uma árvore. Mas a folha verde vogou para baixo no regato e a borboleta voou com ela, pois estava ligada à folha e não conseguia libertar-se.

Bom Deus, como a pobre Polegadazinha ficou assustada quando o besouro voou para cima da árvore com ela! Mas ficou muito mais preocupada com a bonita borboleta branca que atara à folha. No caso de não poder libertar-se, morreria à fome. Mas o besouro não se preocupou com isso. Pousou com ela na maior folha verde da árvore, deu-lhe doce de flores para comer e disse-lhe que era muito bonita, se bem que não se parecesse nada com um besouro. Depois vieram todos os outros besouros que moravam na árvore fazer-lhes uma visita. Olharam para a Polegadazinha, as meninas-besouros estenderam os tentáculos e uma delas disse:

– Ela não tem, pois, mais do que duas pernas, tem um aspecto miserável!

– Não tem nenhuns tentáculos! – acrescentou outra.

– É tão magra na cintura, puh! Parece mesmo um ser humano! Como é feia! – referiram todas as fêmeas-besouros. Contudo, a Polegadazinha era tão bonita! Também lhe parecia isso, ao besouro que a tinha apresado, mas como todos os outros diziam que era feia, acabou também por acreditar nisso e não a quis mais. Podia ir para onde quisesse. Voaram da árvore

e puseram-na numa margarida. Aí chorou, porque era tão feia que nem os besouros a queriam. E, contudo, era a mais bonita que se podia imaginar, tão delicada e branca como a mais bela pétala de rosa!

Todo o Verão viveu a pobre Polegadazinha completamente só no grande bosque. Com talos de erva entrançados fez uma cama e suspendeu-a sob uma grande folha de bardana para se proteger da chuva. Colhia o suco das flores, comia-o e bebia do orvalho que todas as manhãs estava nas folhas. Assim se passaram o Verão e o Outono, mas depois veio o Inverno, o frio e longo Inverno. Os pássaros que tinham cantado tão lindamente para ela, voaram para os seus destinos. As árvores e as folhas murcharam. A grande folha de bardana, sob a qual tinha morado, enrolou-se e ficou apenas um caule amarelo e murcho. Elaregelava terrivelmente, pois o seu vestuário estava em pedaços e a tão bonita e pequenina Polegadazinha, ia morrer gelada. Começou a nevar e cada floco de neve que caía sobre ela era como se lançassem um cesto cheio sobre nós, pois somos grandes e ela tinha apenas uma polegada de altura. Assim embrulhou-se numa folha murcha, mas que não era suficiente para a aquecer. Tremia de frio.

Perto, fora do bosque, para o qual tinha vindo, havia um grande campo de trigo, mas o trigo fora ceifado há muito, apenas ficou o restolho seco de pé na terra gelada. Era como vaguear num pequeno bosque. Tremia de frio.

Oh! Chegou assim à porta do rato do campo. Havia um pequeno buraco sob o restolho. Aqui morava o rato do campo bem aconchegado, tinha o aposento cheio de trigo, uma linda cozinha e sala de jantar. A pobre Polegadazinha parou do lado de dentro da porta, tal como uma pobre criança pedinte, e pediu um bocadinho de um grão de cevada, pois há dois dias que não comia nada.

– Pobrezinha! – disse o rato do campo, pois era no fundo um bom rato velho. – Entra no meu aposento quente e vem comer comigo!

Como gostou da Polegadazinha, disse-lhe:

– Podes ficar, de bom grado, em minha casa, durante o Inverno, mas tens de manter o meu aposento bem limpinho e contar-me histórias, pois gosto muito de histórias!

A Polegadazinha fez o que o bom rato do campo exigia e ali sentiu-se verdadeiramente bem.

– Em breve vamos ter visitas! – disse o rato do campo. – O meu vizinho costuma visitar-me todas as semanas. Ele está ainda melhor do que eu. Tem grandes salas e anda com uma tão linda pele de veludo preta! Pudesses tu tê-lo como marido, que estarias bem governada. Mas é cego. Tens de contar-lhe as histórias mais bonitas que sabes!

Mas a Polegadazinha não se interessou, não quis o vizinho, pois era uma toupeira. Chegou e fez a visita com a sua pele de veludo preta, era muito rico e muito culto, disse o rato do campo. Os seus alojamentos eram também mais de vinte vezes maiores do que os dele e tinha instrução, mas não suportava o Sol nem as flores bonitas, falava mal deles, porque nunca os tinha visto. A Polegadazinha teve de cantar e cantou tanto «Bessourinho, avoa, avoa» como «Vai o frade para o prado». Assim ficou a toupeira apaixonada, por causa da linda voz, mas não disse nada. Era um macho muito discreto!

Recentemente, tinha escavado um longo caminho, através da terra, desde a casa deles até à sua, no qual tiveram o rato do campo e a Polegadazinha autorização para passearem, quando quisessem. Mas pediu-lhes que não tivessem medo do pássaro morto que estava no caminho. Era um pássaro inteiro, com penas e bico, que certamente teria morrido há bem pouco, quando o Inverno começou e estava enterrado precisamente onde ele fizera o caminho.

A toupeira pegou num pedaço de madeira podre na boca, que brilha como lume na escuridão. Foi à frente iluminando-lhes o longo caminho escuro. Quando chegaram ao lugar onde estava o pássaro morto, a toupeira pôs o seu largo focinho contra o tecto e empurrou a terra para cima, de modo que ficou um buraco largo pelo qual a luz, ao penetrar nele, podia brilhar. No meio do chão jazia uma andorinha morta, com as bonitas asas recolhidas, as pernas e a cabeça metidas entre as penas. O pobre pássaro morrera certamente de frio. A Polegadazinha teve muita pena dele porque gostava muito de todos os passarinhos. Tinham todo o Verão cantado e gorjeado tão lindamente para ela! Mas a toupeira empurrou-a com as pernas curtas e disse:

– Agora não pia mais! Deve ser lastimável nascer-se passarinho! Deus seja louvado, que nenhum dos meus filhos o será. Um tal pássaro nada mais tem do que o seu «quevivi» e tem de morrer à fome no Inverno!

– Sim, bem o pode dizer, como macho sensato que é – disse o rato do campo. – Que têm os pássaros por todo o seu «quevivi», quando vem o Inverno? Têm de passar fome e regelar. Mas para eles tudo tem de ser em grande!

A Polegadazinha não disse nada, mas quando os dois viraram as costas para o pássaro, curvou-se, afastou as penas para o lado, que estavam sobre a cabeça e beijou-o nos olhos fechados. «Talvez fosse aquele que cantou tão lindamente para mim no Verão!», pensou ela. «Quanta alegria me deu o querido e lindo pássaro!»

A toupeira fechou depois o buraco por onde penetrava a luz do dia e acompanhou-os a casa. Mas de noite a Polegadazinha mal podia dormir. Levantou-se da cama e entrançou com feno uma coberta grande e bonita, levou-a para baixo e envolveu nela o pássaro morto, pôs algodão macio que tinha encontrado nos aposentos do rato do campo à sua volta, para que pudesse sentir-se quente na terra fria.

– Adeus, lindo passarinho! – disse ela. – Adeus e obrigada pelo teu lindo canto no Verão, quando todas as árvores estavam verdes e o Sol brilhava tão quente sobre nós! – Depois colocou a cabeça sobre o peito do pássaro, mas ficou no mesmo momento toda assustada, pois era como se algo batesse lá dentro. Era o coração do pássaro que não estava morto. Jazia em torpor e agora estava aquecido e, por isso, tomou vida novamente.

No Outono, as andorinhas voam para longe, para os países quentes, mas há uma ou outra que se retarda, regela de tal modo que cai completamente morta. Fica onde cai e a neve fria amontoa-se-lhe em cima.

A Polegadazinha tremeu, tão assustada estava, pois o pássaro era bem grande, grande perante ela, que tinha apenas uma polegada de altura, mas encheu-se de coragem, aconchegou o algo-dão à volta da pobre andorinha e foi buscar uma folha de hortelã que tivera como coberta e pô-la sobre a cabeça do pássaro.

Na noite seguinte rastejou outra vez para baixo até ao pássaro, que estava vivo, mas tão esgotado que mal podia, por um momentinho, abrir os olhos para ver a Polegadazinha com um pedacinho de lenha na mão, pois outra lanterna não tinha.

– Muito te agradeço, linda criancinha! – disse-lhe a andorinha doente. – Fiquei tão bem aquecida! Em breve vou ter forças e poder voar de novo, para fora, para a luz do Sol quente!

– Oh! – disse a Polegadazinha. – Está tanto frio lá fora, neva e gela! Fica na cama quente que eu tratarei de ti!

Trouxe água à andorinha numa pétala e esta bebeu, depois contou-lhe como se tinha ferido numa asa, num arbusto com picos, por isso não podia voar tão rápido como as outras andorinhas, que voavam para longe, para os países quentes. Tinha caído para a terra, e mais não se lembrava nem sabia como viera ali parar.

Todo o Inverno ficou debaixo da terra, a Polegadazinha foi boa para ela e gostava muito dela. Nem a toupeira nem o rato do campo vieram a saber a mínima coisa, pois não podiam tolerar a pobre e miserável andorinha.

Logo que a Primavera chegou e o Sol aqueceu a terra, a andorinha disse adeus à Polegadazinha, que abriu o buraco que a toupeira fizera por cima. O Sol brilhou lindamente lá dentro e a andorinha perguntou se não queria vir com ela. Podia sentar-se nas suas costas, voariam para longe, para os bosques verdes. Mas a Polegadazinha sabia que afligiria o velho rato do campo se o abandonasse assim.

– Não, não posso! – disse a Polegadazinha.

– Então, adeus, adeus! Boa, linda menina! – despediu-se a andorinha e voou para o brilho do Sol. A Polegadazinha ficou a vê-la e vieram-lhe as lágrimas aos olhos, pois gostava muito da pobre andorinha.

– «Quevivi!», vivi! – cantou o pássaro e voou para os bosques verdes...

A Polegadazinha estava tão aflita! Nem podia permitir-se vir para fora, para o Sol quente. O trigo que fora semeado no terreno ali por cima da casa do rato do campo crescia também, era um bosque espesso para a pobrezinha, que só tinha uma polegada de comprido.

– Agora no Verão terás de preparar o teu enxoval! – disse-lhe o rato do campo, pois o enfadonho vizinho, a toupeira na pele de veludo preta, tinha-lhe feito uma proposta de casamento. – Tens de ter tanto de lã como de linho! Tens de ter onde sentar-te e deitar-te, quando fores esposa da toupeira!

A Polegadazinha teve de fiar no fuso, à mão, e o rato do campo contratou quatro aranhas para fiar e tecer noite e dia. Toda as noites a toupeira fazia uma visita e falava sempre de que, quando o Verão tivesse fim, então não brilharia o Sol, tão

perto e tão quente. Agora queimava a terra quase como uma pedra. Sim, quando o Verão estivesse acabado, então seriam as bodas com a Polegadazinha. Mas ela não estava nada contente, pois não gostava nem um bocadinho da enfadonha toupeira. Todas as manhãs, quando o Sol se levantava e todas as noites quando se punha, escapava-se para a porta e quando o vento separava as pontas do trigo, de modo que pudesse ver o céu azul, pensava em como era luminoso e bonito lá em cima e desejava tanto poder ver de novo a querida andorinha. Mas esta não voltaria mais. Voara certamente para longe, no belo bosque verde.

Quando chegou o Outono, a Polegadazinha tinha o enxoval todo pronto.

– Em quatro semanas terás as bodas! – disse-lhe o rato do campo. Mas a Polegadazinha chorou e disse que não queria a enfadonha toupeira.

– Snique, snaque! – retorqui o rato do campo! – Não te faças recalcitrante, senão mordo-te com o meu dente branco! É muito bonito o macho que vais ter! A sua pele de veludo preto não tem a rainha uma igual! Tem muito, tanto na cozinha como na despensa. Agradece a Deus por ele!

Assim tiveram de fazer as bodas. A toupeira chegara para levar a Polegadazinha. Iria morar com ela, no fundo, por baixo da terra, jamais vindo para o Sol quente, porque com isso não sofria o rato cego. A pobre criança estava tão aflita, teria agora de dizer adeus ao belo Sol, que, contudo, em casa do rato do campo fora autorizada a ver, à porta.

– Adeus, claro Sol! – disse ela, e estendeu os braços para o ar e foi também um bocadinho para fora da casa do rato do campo. Pois o trigo fora ceifado e ali estavam apenas os restolhos secos. – Adeus, adeus! – repetiu enroscando os bracinhos à volta de uma florzinha vermelha que ali estava.

– Saúda a andorinha por mim, se algum dia vieres a vê-la! «Quevivi!» – ouviu no mesmo momento sobre a sua cabeça. Olhou para cima. Era a andorinha que passava naquele momento. Logo que viu a Polegadazinha, ficou muito contente. Esta contou-lhe com que relutância ia ter a feia toupeira como marido e que tinha de morar no fundo, por baixo da terra, onde o Sol nunca brilhava. Não podia deixar de chorar por causa disso.

– Agora vem o Inverno frio – disse a andorinha. – Eu voou para longe, para as terras quentes, queres vir comigo? Podes sentar-te nas minhas costas! Só tens de amarrar-te bem com a tua faixa, voamos assim para longe da feia toupeira e dos seus aposentos sombrios, para longe, sobre as montanhas, para os países quentes, onde o Sol brilha mais bonito do que aqui, onde é sempre Verão e há flores. Voa comigo, doce Polegadazinha, que me salvaste a vida quando jazias regelada na cave escura debaixo da terra!

– Sim, quero ir contigo! – respondeu a Polegadazinha, e sentou-se nas costas do pássaro, com os pés nas asas abertas, amarrou bem o cinto numa das penas mais fortes e a andorinha voou para o alto, sobre os bosques e sobre o mar, alto por cima das grandes montanhas, onde há sempre neve. A Polegadazinha regelou no ar frio, mas arrastou-se para dentro, sob as penas quentes e pôs a cabecinha de fora para ver toda aquela beleza por baixo dela.

Chegaram assim às terras quentes. Brilhava o Sol muito mais claro do que aqui, o céu era duas vezes mais alto e nas valas e nas sebes cresciam as mais bonitas uvas verdes e azuis. Nos bosques suspendiam-se limões e laranjas, aqui cheirava a mirto e hortelã e nos caminhos corriam as crianças mais lindas, que brincavam com grandes borboletas multicolores. Mas a andorinha voou ainda para mais longe e tornou-se tudo cada vez mais bonito. Sob as árvores mais belas, junto ao lago azul, estava um castelo

de mármore branco brilhante dos velhos tempos. As vinhas retorciam-se para cima à volta das colunas altas. Aí, mesmo em cima de tudo, havia muitos ninhos de andorinhas e num desses morava a andorinha que transportava a Polegadazinha.

– Aqui está a minha casa! – disse a andorinha. – Mas, se quiseres, tu própria podes escolher uma das flores mais bonitas que crescem lá em baixo. Levar-te-ei lá e terás tudo tão bonito quanto desejares!

– Seria maravilhoso! – disse ela, batendo palmas com as mãozinhas.

Havia uma grande coluna de mármore branco, que tinha tombado no chão e se partira em três pedaços e entre estes cresciam as flores mais lindas, grandes e brancas. A andorinha voou para lá com a Polegadazinha e colocou-a sobre uma das folhas largas. Mas como ficou admirada! Aí estava sentado um homenzinho no meio da flor, tão branco e translúcido, como se fosse de vidro. Tinha na cabeça a coroa de ouro mais linda e nos ombros as asas mais lindas e claras. Ele próprio não era maior do que a Polegadazinha. Era o anjo da flor. Em cada flor morava assim um homenzinho ou mulherzinha, mas aquele era o rei de todos.

– Meu Deus, como é bonito! – segredou a Polegadazinha à andorinha. O príncipezinho ficou tão assustado diante da andorinha, pois esta era uma ave gigante perante ele, que era tão pequeno e fino. Quando viu a Polegadazinha ficou muito contente. Era a menina mais bonita que até então tinha visto. Por isso tirou a coroa de ouro da cabeça e colocou-a na cabeça dela, perguntou como se chamava e se queria ser sua mulher, seria rainha de todas as flores! Sim, era um homem verdadeiro, bem diferente do filho do sapo e da toupeira com a pele de veludo preta. Disse, portanto, que sim ao bonito príncipe e de cada flor veio uma dama ou um cavalheiro, tão belos, que dava gosto vê-los! Cada um trazia para a Polegadazinha um presente, mas o

melhor de todos foi um par de lindas asas de uma grande mosca branca. Foram fixadas às costas da Polegadazinha para poder também voar de flor para flor. Era tal a alegria que a andorinha sentou-se em cima, no seu ninho, e cantou para eles, tão bem quanto podia, mas o coração estava, contudo, triste, pois gostava muito da Polegadazinha e não queria separar-se dela.

– Não debes ter o nome Polegadazinha! – disse-lhe o anjo da flor. – É um nome feio e tu és bonita. Vamos chamar-te Maia!

– Adeus! Adeus! – despediu-se a andorinha, e partiu. Deixou os países quentes, e voou lá para longe, de regresso à Dinamarca. Ali tinha um ninhozinho sobre a janela onde mora o homem que sabe contar contos. Para ele, a andorinha cantou o «que-vivi», de que temos toda a história.